

Performance e alteridade

por Lucio Agra¹⁷

Resumo: O texto propõe uma abordagem diversa da usual para o termo “comover” e entende essa ideia como uma estratégia possível na arte da *performance*.

Palavras-chave: comover, *performance*, arte brasileira contemporânea.

Abstract: The essay proposes a different approach to the common sense use of the word “commotion” and understands this idea as a possible strategy in the field of performance art.

Keywords: commotion, performance art, Brazilian contemporary art

À Grasilele Sousa

O Brasil pode ser visto como um lugar privilegiado para a observação das contradições resultantes dos processos que envolvem a dinâmica das relações com o outro. Um dos subprodutos negativos do capitalismo é a exclusão do outro, ou talvez a estratégia de rasura do outro. Tem-se nisso um paradoxo? Como enfrentá-lo ou rasurar esse outro se ele é, tantas vezes, objeto do desejo? A menos que se esteja no ambiente epistemológico, na clausura do existencialismo. Se se admite, por princípio, como Jean-Paul Sarte, que “[...] o inferno são os outros”, então o outro passa a ser uma ameaça a ser conjurada e é melhor que se acostume com essa triste sina da humanidade: ser um erro caído na terra e que, por conseguinte, se é obrigado a conviver com todos esses erros até que a coisa se extinga de uma vez por todas.

Observamos, numa cidade como São Paulo, as consequências nefastas que pode produzir essa espécie de individualismo que é a rasura

¹⁷ Nascido em Recife (PE), vive e trabalha em São Paulo (SP). *Performer*, poeta, professor. Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Publicou *Monstruivismo – reta e curva das vanguardas* pela Editora Perspectiva, em 2010. Prepara novo livro sobre a *performance* no contemporâneo. (<http://contemporaryperformance.org/profile/LucioAgra>).

do outro. Isso pode se dar patologicamente com as pessoas que têm graves sofrimentos afetivos e que desenvolvem um escudo de proteção atrás do qual não são capazes sequer de compreender a dimensão do sentimento do outro. A sensibilidade ferida do outro é inexistente para uma pessoa como essa, e ela sinceramente não sabe do que alguém estaria falando ao falar disso, porque efetivamente isso “não existiria”, não haveria essa situação, ela seria “impensável”, não acessível à cognição. Falta-lhe a dimensão necessária, por exemplo, para um ato de compaixão, que é aquela do olhar para o outro como quem tenta se colocar no seu lugar. Isso é particularmente sensível quando se observa esses fenômenos ligados ao trânsito das grandes cidades. Percebe-se a insistência de fazer seu próprio caminho a despeito da existência dos demais e a voracidade no agir; não se pode ceder porque ceder espaço significa abrir ao outro uma chance que se julga que se perderá na doação, pois é impossível doar qualquer coisa que seja. Isso cria situações em que um acaba sendo penalizado em função da presença do outro. Como se trata de uma competição, dois tentam passar por um lugar que só cabe um, e resultam os acidentes, as batidas etc. Deseja-se agir de uma forma tal como se fosse possível não existir o outro, como se quisesse rasurar o outro. Como se o outro fosse uma “paisagem” que se tem de eliminar.

Nas relações interpessoais, essa “paisagem a se eliminar” é fruto de alguém infenso a qualquer afetação. As afeições são trabalhadas no regime do consenso sobre elas. Estabelecem-se consensos como: “quando eu namoro, eu abraço, quando eu namoro eu beijo, quando namoro eu transo” etc., porque aí se faz aquilo que é “necessário” fazer. Se, por acaso, há a surpresa de um afeto que não constava nesse “vocabulário das sensações”, não se sabe como lidar com isso. E isso não se dá somente no tipo de relação na qual um dos termos foi afetado negativamente por qualquer espécie de trauma afetivo, isso está hoje disseminado nas relações afetivas. Elas estão contaminadas por esse descaso deliberado quanto à dimensão do outro. Essa é talvez a grande questão política que tenhamos de enfrentar nesse século XXI. É a questão dos afetos, desfazer-se de uma subjetividade “acabada”, abrir-se para o outro, capacitar-se a observar e a ver o próximo como alguém que depende necessariamente do olhar alheio e é capaz de ser co-movido.

Esse é o sentido de comover: mover-se junto. Comover, então, pode ser visto como o contrário da rasura do outro. Comover significa convidá-lo para seu convívio, chamar o outro à sua própria esfera de ação. Mas isso tem um custo. Significa que é necessário desprendimento, é

preciso abrir mão de certas coisas, ouvir o outro, até mesmo modificar seus comportamentos em função do outro. Como produzir isso em uma sociedade orquestrada pela questão do individualismo?

Provavelmente isso pode ser realizado pela criação artística. A arte seria um dos lugares desse co-mover. Desse modo, seria possível investigar, na criação artística, quais foram as oportunidades de comoção. Não no sentido que costumeiramente usamos a palavra comover, como emocionar.

Sabe-se que há pessoas que sofrem de Alzheimer que são capazes de se comover com notícias da mídia, como se fossem pessoas “da família”. Mas se alguém próximo morre, às vezes mesmo com laços de parentesco, não se comove e trata a situação com certa indiferença. A impressão que se tem é que aquilo não a afeta de modo algum, seria uma situação como outra qualquer. Esse “*déficit* de afeição” contaminou a sociedade de modo geral nos dias que correm. Poucas chances restam para essa “comovência” (abrir-se para as possibilidades do outro, esquecer-se de si para que esse outro emergja dentro de você, essa possibilidade do “outrar-se”, como queria Fernando Pessoa), só existe essa possibilidade hoje, quiçá no terreno da criação artística. Ela é uma forma de relação com o mundo que desafia nossos sentidos sobre esse mundo. Ela não tem cessado de desafiar esses sentidos, então há grandes chances de que ela possa produzir a espécie de “deslocamento de si” que desejo defender aqui. Esse possível atentar para a existência de alguém mas que ocupa esse espaço além de si.

Pode-se perguntar então quais seriam esses territórios artísticos nos quais se produz o deslocamento, esse desatentar-se, esse desfazer do autocentramento. Esses locais são, por exemplo, a *performance*. E por quê? Por que a *performance* pode ser um desses locais do “esquecimento de si”? Porque a *performance*, em primeiro lugar, trabalha o corpo como categoria e não só como evidência de presença. Isto é, ele também é um artefato epistemológico do campo da epistemologia artística. Traduzindo: quando se produz algo artisticamente, há um pensamento artístico – aquilo que chamamos de estética ou poética – que funciona dentro daquele preceito artístico que se está tentando desenvolver. Nessas circunstâncias, o corpo, que é alguma coisa que não está em jogo diretamente quando se trata de produzir um objeto, passa a ser uma condição *sine qua non*, um imperativo para que se tenha o evento artístico. Seja por presença ou ausência, imposição ou exposição. Mas é preciso que se tenha a presença do corpo. O corpo é necessário, absolutamente necessário.

Posto isso, considerando-se que a *performance* trabalha com certa abordagem do corpo, ela produz desde já uma afetividade primária – pois ela produz a presença desse corpo –, ela pode ser a chance excepcional para chamar a atenção para a existência do outro. Na dança, no teatro, nas assim chamadas artes cênicas, as demais artes ao vivo, em que pesem os esforços em direção a outras atitudes, o que se passa com frequência é uma situação em que esse outro que aparece à percepção, aparece fisicamente à distância. Esse outro é expresso como alguém que é ontologicamente diferente de mim. Porque ele estudou, ele se esforçou para ganhar aquela expressividade que só ele tem. Ele diverge completamente de mim e devo admirá-lo por essa divergência. Se eu quiser ser um artista também, tenho de percorrer o caminho que ele traçou, e uma vez isso feito, conseguirei fazer com que a minha expressividade equivalha à dele. Esse é um processo em que se produz uma situação de valorização do outro que institui uma diferença total. O outro passa a não ser alguém sobre quem eu possa sentir como algo que me afeta. Ele só me afeta no sentido de eu querer ser como ele, e não no sentido de eu querer persistir sendo eu, enquanto possa também ter algo dele. Não se trata de algo da ordem metafórica da devoração, mas do espelho.

Para que fosse devoração, e não simplesmente espelho, teria de haver uma circunstância na qual eu pudesse ser afetado como se aquilo aparecesse como algo que pode pertencer à minha carne também, e a minha carne possa sentir tanto a dor quanto o prazer que ele pode sentir e que eu possa compartilhar. Esse é o sentido de compartilhamento ritual que existe em todas as religiões. “Com-partilhar” aí passa a ser outro derivativo da “com-paixão”. Compaixão, convívio, compartilhamento.